



## A Santa Sé

---

***DISCURSO DO PAPA BENTO XVI  
AOS PARTICIPANTES NO CURSO SOBRE  
O FORO ÍNTIMO PROMOVIDO  
PELA PENITENCIARIA APOSTÓLICA***

Sexta-feira, 16 de Março de 2007

*Senhor Cardeal*

*Venerados Irmãos*

*no Episcopado e no Sacerdócio*

É com prazer que vos recebo hoje e que vos dirijo a minha cordial saudação a cada um de vós, participantes no Curso sobre o Foro Íntimo organizado pela Penitenciaria Apostólica. Em primeiro lugar, saúdo o Senhor Cardeal James Francis Stafford, Penitenciário-Mor, a quem agradeço as amáveis palavras que me dirigiu; o Bispo D. Gianfranco Girotti, Regente da Penitenciaria; e todos os presentes.

O encontro de hoje oferece-me a oportunidade de reflectir, juntamente convosco, sobre a importância do sacramento da Penitência também nesta nossa época, e de reiterar a necessidade de que os sacerdotes se preparem para o administrar com devoção e fidelidade, para a glória de Deus e a santificação do povo cristão, como prometem ao Bispo no dia da sua Ordenação presbiteral. Com efeito, trata-se de uma das tarefas qualificadoras do ministério peculiar que eles são chamados a exercer "*in persona Christi*". Mediante os gestos e as palavras sacramentais, os sacerdotes tornam visível sobretudo o amor de Deus, que em Cristo se revelou plenamente. Na administração do Sacramento do perdão e da reconciliação, o presbítero recorda o Catecismo da Igreja Católica age como "o sinal e o instrumento do amor misericordioso de Deus para com o pecador" (n. 1465). Portanto, aquilo que acontece neste sacramento é sobretudo um mistério de amor, obra do amor misericordioso do Senhor.

"Deus é amor" (1 Jo 4, 16): nesta simples afirmação, o evangelista João encerrou a revelação de todo o mistério de Deus Trindade. E no encontro com Nicodemos Jesus, prenunciando a sua

paixão e morte na cruz, afirma: "Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (*Jo 3, 16*). Todos nós temos necessidade de beber da fonte inesgotável do amor divino, que se nos manifesta totalmente no mistério da Cruz, para encontrar a paz autêntica com Deus, conosco mesmos e com o próximo. Somente a partir desta nascente espiritual é possível haurir a energia interior, indispensável para derrotar o mal e o pecado na luta sem trégua, que caracteriza a nossa peregrinação terrena rumo à pátria celeste.

O mundo contemporâneo continua a apresentar as contradições oportunamente evidenciadas pelos Padres do Concílio Vaticano II (cf. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, 4-10): vemos uma humanidade que gostaria de ser auto-suficiente, onde não poucos se julgam capazes de poder renunciar a Deus para viver bem; no entanto, quantos parecem tristemente condenados a enfrentar dramáticas situações de vazio existencial, quanta violência ainda existe na terra, quanta solidão pesa na alma do homem da era da comunicação! Em síntese, hoje parece ter-se perdido o "sentido do pecado", mas em compensação aumentaram os "complexos de culpa". Quem poderá libertar o coração dos homens deste jugo de morte, senão Aquele que, morrendo, derrotou para sempre o poder do mal com a onnipotência do amor divino? Como recordava São Paulo aos cristãos de Éfeso, "Deus é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, estando nós mortos pelos nossos delitos, deu-nos a vida juntamente com Cristo" (*Ef 2, 4*). No sacramento da Confissão, o sacerdote é instrumento deste amor misericordioso de Deus, que na fórmula da absolvição dos pecados invoca: "Deus, Pai de misericórdia, que reconciliou em si o mundo na morte e ressurreição do seu Filho, e infundiu o Espírito Santo para a remissão dos pecados, te conceda mediante o ministério da Igreja o perdão e a paz".

Em cada uma das suas páginas, o Novo Testamento fala do amor e da misericórdia de Deus, que se tornaram visíveis em Cristo. Com efeito, Jesus que "acolhe os pecadores e come com eles" (*Lc 15, 2*) e afirma com autoridade: "Homem, os teus pecados estão perdoados" (*Lc 5, 20*), afirma: "Não são os que têm saúde que precisam do médico, mas os que estão doentes. Não foram os justos, mas os pecadores, que Eu vim chamar ao arrependimento" (*Lc 5, 31-32*). O compromisso do sacerdote e do confessor é, principalmente, este: levar cada um a viver a experiência do amor de Cristo por ele, encontrando-o no caminho da própria vida como Paulo O encontrou no caminho de Damasco. Conhecemos a apaixonada declaração do Apóstolo das Nações, depois daquele encontro que transformou a sua vida: "Amou-me e entregou-se por mim" (cf. *Gl 2, 20*). Esta é a sua experiência pessoal no caminho de Damasco: o Senhor Jesus amou Paulo e deu a vida por ele.

E na confissão é esta a nossa vereda, o nosso caminho de Damasco, a nossa experiência: Jesus amou-me e entregou-se por mim. Possa cada pessoa viver esta mesma experiência espiritual e, como já dizia o Servo de Deus João Paulo II, "voltar a descobrir Cristo como *mysterium pietatis*, em quem Deus nos mostra o seu coração compassivo e nos reconcilia plenamente consigo. Tal é o rosto de Cristo, que importa fazer redescobrir também através do sacramento da Penitência"

(João Paulo II, Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, 37). O sacerdote, ministro do sacramento da Reconciliação, sinta sempre como sua tarefa fazer transparecer, nas palavras e no modo de tratar o penitente, o amor misericordioso de Deus. Como o pai da parábola do filho pródigo, acolha ao pecador arrependido, ajude-o a elevar-se acima do pecado, encoraje-o a corrigir-se sem jamais fazer compromissos com o mal, mas retomando sempre o caminho rumo à perfeição evangélica. Esta bonita experiência do filho pródigo, que encontra no pai toda a misericórdia divina, seja a experiência de quem quer que se confesse, no sacramento da Reconciliação.

Estimados Irmãos, tudo isto exige que o sacerdote comprometido no ministério do sacramento da Penitência seja animado, ele mesmo, por uma constante tensão para a santidade. O Catecismo da Igreja Católica tem em grande consideração esta exigência, quando afirma: "O confessor [...] deve ter um conhecimento comprovado do comportamento cristão, experiência das realidades humanas, respeito e delicadeza para com aquele que caiu; deve amar a verdade, ser fiel ao Magistério da Igreja e conduzir o penitente, com paciência, para a cura e a maturidade plena. Deve rezar e fazer penitência por ele, confiando-o à misericórdia do Senhor" (n. 1466).

Para cumprir esta importante missão, sempre unido interiormente ao Senhor, o sacerdote se conserve fiel ao Magistério da Igreja naquilo que diz respeito à doutrina moral, consciente de que a lei do bem e do mal não é determinada pelas situações, mas por Deus. À Virgem Maria, Mãe de misericórdia, suplico que sustente o ministério dos sacerdotes confessores e ajude todas as comunidades cristãs a compreenderem cada vez mais o valor e a importância do sacramento da Penitência para o crescimento espiritual de cada um dos fiéis. A vós aqui presentes, assim como às pessoas que vos são queridas, concedo com afecto a minha Bênção.

© Copyright 2007 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana